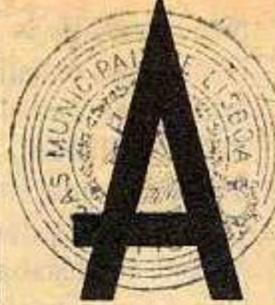


1968  
**Fevereiro**  
 ANO XI  
 N.º 49

Prop. do CENTRO DE ACTIVIDADES  
 CIRCUM-ESCOLARES DO L. N. H.

# ARAUTO



Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta • Editor: DR. TOMAZ DA ROSA • Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores  
 Fernando Lima, Jorge Angelo José Pompeu e José Diogo

Prof. - Orientador  
 FERNANDO MELO

Administrador  
 Diogo Fraga da Silva

## TEMA REGIONALISTA

### AS VINDIMAS E O FABRICO DO VINHO

As vindimas, embora sejam das fainas mais fatigantes, são também das mais alegres. Nelas participam todas as pessoas desde os mais vigorosos homens às mais delicadas mulheres, dos velinhos curvados às crianças alegres e irrequietas.

Levantam-se cedo para aproveitarem a frescura da manhã. Caminho além, lá vão em bandos ruidosos por entre o chilrear sonoro dos pássaros e o odor penetrante das árvores que estendem os seus braços ressequidos do calor do Verão.

E em breve começa o o trabalho. Rostos curvados para as cepas, vão-nas despojando dos rubros cachos que se transformarão no sustento da família. De socalco em socalco, ou de «curral» em «curral», mulheres e homens transportam pesados cestos de apetitosas uvas que despejam nas dornas, levadas em carros de bois para o local.

E a labuta prossegue todo o dia sob o sol ardente que entontece os trabalhadores. Os rins sentem-se

doloridos, as pernas hesitam já, os olhos ofuscam-se com a claridade impiedosa do sol que abrasa toda a Terra.

Sòmente por volta do meio dia os vindimadores se concedem um pouco de descanso. Sentam-se à beira dum «maroiço» ou sob os ramos protectores de alguma árvore frutifera ou ainda em alguma tosca cabana de proporções tão exiguas que não os pode conter a todos.

(Conclui na 2.ª página)

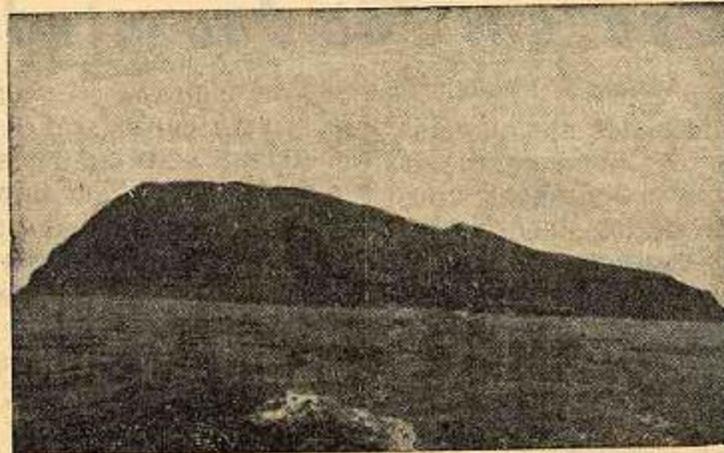
## AS NOSSAS TERRAS...

### NA ILHA DO CORVO

Iniciámos a partida na semi-obscuridade de um radioso amanhecer de Verão.

Em breve deixávamos para trás as casas, entrando na estrada, que em inúmeras

que em baixo nos aparecia nos confins do horizonte, destaca-se no Oceano. Na plataforma da ilha alvejam as modestas habitações, mal se distinguindo as estreitas



ros zigue-zagues conduz ao Caldeirão. Agora, já em pleno campo, desfruta-se um maravilhoso panorama: lá ao longe, a ilha das Flores,

ruas. A um lado estende-se o novo cais, que depois de devidamente prolongado, beneficiará bastante a população. (Conclui na 3.ª página)

## MIRADOURO DA JUVENTUDE

### O Turismo e os Açores

Hodiernamente, o Turismo pode ser considerado, sem a menor relutância, uma grande indústria, da qual os Açores podiam tirar largos proventos mercê das suas belezas naturais sobejamente reconhecidas.

Todavia, para que o Turismo em grande escala, o «Turismo - Indústria», se processe, têm forçosamente de entrar em linha de conta outros factores para além dos recursos naturais. E é

exactamente sobre esses que nos debruçaremos, de relance, perfeitamente convictos de que vamos bater uma tecla cujo som a Imprensa Açoriana, infatigavelmente, tem repercutido.

As Comissões Regionais de Turismo, têm, na medida das suas possibilidades, tentado atrair o turista, mas a sua acção não basta nas actuais condições. Um ambiente propício urge ser criado, e isso está na estrita dependência de outros órgãos da Administração e Fomento.

Entre as medidas a tomar, sobressaem necessariamente, as seguintes: criação de portos francos e desenvolvimento das comunicações marítimas; constru-

(Conclui na 2.ª página)

## Correspondência recebida

De uma leitora (jorgense) do nosso jornal recebemos uma amável carta incluindo elogiosas referências ao soneto «Confiante», publicado no último número do «Arauto».

Quanto ao nome da autora (é autora e não autor) da aludida poesia, não nos compete divulgá-lo. Sugerimos apenas que a interessada escreva para «L» (ao cuidado da redacção do «Arauto») que lhe revelará a sua própria identidade se assim o entender.

Pela nossa parte agradecemos a deferência.

## JORNAIS DE PAREDE

Elaborados pelas alunas do 2.º ano e pelos alunos e alunas do 4.º ano, apareceram no nosso Liceu os interessantes jornais de parede «Ponta Furada» e «Cá-bula».

Os nossos votos de continuidade.

## O Trovadorismo

A poesia trovadoresca, cultivada na fase inicial da nossa literatura, abrange quatro períodos, ao longo dos quais os nossos poetas vieram mostrando possibilidades estético-literárias dignas de nota.

O primeiro período é o chamado pré-Afonsino e vai desde o aparecimento do trovadorismo até ao reinado de D. Afonso III. O segundo corresponde ao reinado deste monarca, e nele a poesia trovadoresca floresce notavelmente. É o período Afonsino. Segue-se-lhe o período que se designa por Dionisiaco, também de grande esplendor e correspondente à época de D. Dinis. A actividade trovadoresca não cessa, com a morte do Rei Trovador e estende-se por mais um período; é o pós-Dionisiaco que se alonga até meado do século XIV.

Entre os trovadores que mais contribuíram para o valor literário do trovadorismo distinguiram-se: D. Dinis o nosso maior trovador; D. Sancho I, autor de uma das cantigas de amigo mais antigas; Pae Soares de Tabeirós, autor da mais antiga cantiga de amor; Afonso Sanches, filho bastardo de D. Dinis, e finalmente D. Pedro, conde de Barcelos, o último trovador, falecido em 1354.

Vários nomes se davam aos cultores do trovadorismo.

Trovadores geralmente eram homens de grande categoria social e que faziam trovas por amor à arte. Eram os poetas de mais valor. Mas, havia outros menos dotados, que escreviam com o fim de obter remuneração. Eram os segreiros, que não tendo grande valor literário, compunham trovas e se faziam acompanhar de um jogral contratado, que as cantava nas diversas cortes que visitavam. Existia ainda outra designação no género trovadoresco atribuída àquele que era contratado, para numa só corte cantar as trovas que possivelmente lhe fossem dadas por algum

segrel visitante dessa mesma corte. A esse era dado o nome de menestrel.

As trovas deste brilhante período literário dividiam-se em 3 categorias segundo o assunto que tratavam. A «cantiga de amigo...» de origem peninsular, era a expressão dos sentimentos da pobre donzela que geralmente estava saudosa. Esta cantiga, consoante o assunto, toma nomes diferentes como: monólogo lírico, tensão ou diálogo, bailia, barcarola ou marinha, alva ou serena, canção de romaria e finalmente pastorela.

«Cantiga de amor», de origem provençal, era a trova que exprimia o sentimento amoroso do próprio poeta.

«Cantiga de escárnio e de maldizer» era aquela que se destinava a satirizar quaisquer defeitos, pondo-os a ridículo de uma maneira clara ou velada.

Como já dissemos o trovadorismo extinguiu-se em Portugal, por meado do século XIV. Para o seu desaparecimento contribuiu grandemente o facto de ele ter desaparecido na Provença, donde vieram o estímulo e a influência. Outras causas terão sido a falta de mecenatismo real, e o aburguesamento da nação, que criou nos espiritos cultos da época novos interesses literários orientados para os temas de utilidade imediata.

M. F. S.  
6.º ano

## Miradouro da Juventude

(Conclusão da 1.ª página)

ção de pistas nas diversas ilhas e incremento das comunicações aéreas; construção de instalações hoteleiras condignas e situadas nos locais mais indicados; electrificação e abastecimento de água a todo o Arquipélago, além de outras obras de comodidade e embelezamento.

E talvez assim, a propaganda das Comissões Regionais de Turismo surtisse

## Não posso mais!

Não posso mais lutar!  
 Não posso resistir  
 Às ciladas dum Destino tão cruel!  
 Sofri desilusões...  
 Senti, cravado em minhas carnes,  
 O espinho da decepção.  
 Assisti ao desabar dum sonho querido,  
 Que ficou espezinhado  
 No chão.  
 Chorei...  
 Sofri...  
 E resisti...  
 Hoje, porém,  
 Não posso mais!  
 Sob o signo de suspeita infame  
 Não terei a confiança de ninguém...  
 Ninguém entende as amarguras do meu Fado,  
 Ninguém escuta meus tristes ais!

L. M.

## Tema Regionalista

(Conclusão da 1.ª página)

Regalam-se com uns nacos de bolo e um bocado de peixe seco e matam a sede bebendo sofregamente água dum «queico» que levaram, ou então de um tanque que recolheu as chuvas do telhado da choupana. Eles que durante todo o dia andaram envolvidos em uva e que à noite se fatigarão a fazer vinho.

Mas pouco tempo depois recomeçam e trabalham... trabalham até que o sol, escondendo-se, mal lhes deixa luz para poderem arrumar os cestos, atrelar os bois e voltar a casa pela frescura da noite.

Chegados a casa levam as uvas, já esbagoadas, para a loja ou para a adega. Acendem-se candeeiros de petróleo que se penduram nas traves ou nos tirantes e, enquanto as mulheres preparam a ceia, homens e crianças fabricam o vinho. Uns enchem os bagos em celhas, outros transportam-nos para os esmagadores que outros ainda fazem girar.

Há disputas entre os novos, pois todos acham um prazer em «moer» a uva. No entanto o serão é alegre. Entoam-se cantigas ao desafio, contam-se anedotas, comentam-se os acontecimentos da aldeia.

Alguns dias depois há nova seroadá, mais alegre, mais repousante. É o dia de tirar e provar o vinho. Convidam-se os amigos para a festa a que não faltam os petiscos: favas cozidas bem temperadinhas, azeitonas, cavala ou bonito grelhados, por vezes milho cozido. As vozes esganiçadas das mulheres contrastam com os sons guturais dos homens e com as gargalhadas alegres das crianças.

Renato Leal

5.º Ano

J. F. D.

Durante a minha permanência na cidade de Luanda, frequentei o liceu «Salvador Correia», liceu misto com uma frequência de quatro mil alunos.

Este liceu é um edifício amplo, com dois pavimentos, um pouco antigo, mas com todas as comodidades que exige um clima tropical.

Além das amplas salas de aula tem uma ótima biblioteca, uma sala de estudo, um grande ginásio, duas cantinas e salas reservadas aos srs. professores.

No exterior existem campos de jogos e jardins.

O meu primeiro dia de aulas foi um dia de grande expectativa. Primeiro pela confusão de alunos, segundo aquele receio de nos enfrentarmos com os professores e acamaradarmos também com os colegas.

Claro que chegamos da metrópole com ideias por

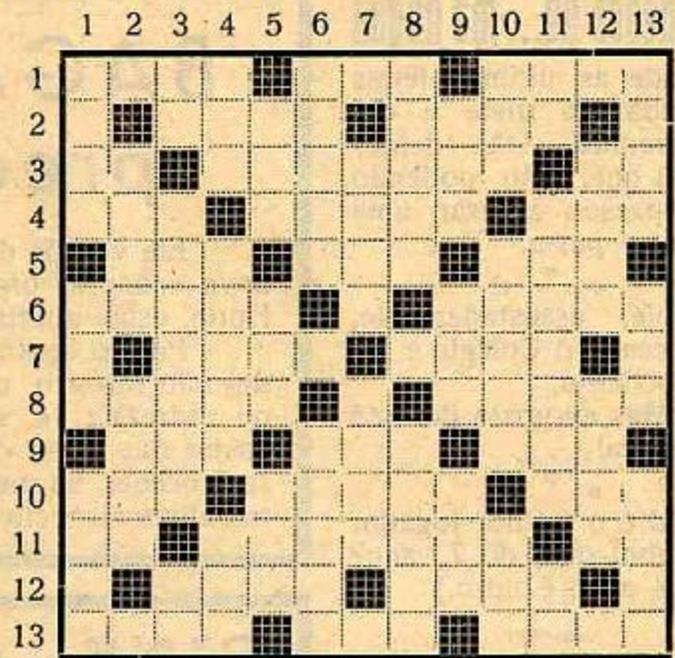
vezes erradas e com receio daquele meio estranho.

Eu já sabia que em Angola a convivência racial não levanta problemas apesar de certas pessoas que vivem tantos anos nas nossas províncias ultramarinas, quando regressam ou nos visitam, nos apresentam por vezes um quadro bastante diferente da realidade. Em Luanda, no meu liceu tive ocasião de verificar a harmonia perfeita entre alunos, brancos e nativos. Todos, pretos, brancos e mestiços se entendem admiravelmente, observando-se o mesmo entre os professores.

Esta compreensão mútua entre raças diferentes de Portugueses, sem preconceitos raciais, ficou no meu espírito, como uma das mais agradáveis recordações dos meus tempos no liceu «Salvador Correia» de Luanda.

Rosa Maria Dutra  
4.º A.

## PALAVRAS CRUZADAS



**HORIZONTAIS:** 1 — preposição; artigo em francês; capital europeia; 2 — líquido artigo indefinido; 3 — nota musical; capital europeia; 4 — caminhará; antónimo de «entrada»; anel; 5 — prende; senhora; patrão; 6 — não diz; derramar; 7 — insecto; do verbo ouvir; 8 — rezava; unidos; 9 — divisão de tempo; pron. pessoal; grande porção de água; 10 — art. indefinido; constroem; tudo o que existe ou pode vir a existir; 11 — ande; servem; nota musical; 12 — estado de calor; rezar; 13 — país da Indochina; sòzinhos, fita.

**VERTICAIS:** 1 — afaste; vazio; frutos da videira; 2 — estavam; do v. remar; 3 — artigo definido; enviara; nota musical; 4 — ponto cardinal; unia; roda; 5 — pedras do moinho; pron. pessoal; actuar; 6 — tecidos impermeáveis; faltas; 7 — proferira; espírito; 8 — sova; lonas; 9 — «minha» em latim; dirigi-me; oceano; 10 — batráquios; tranpõem; antónimo de «bem»; 11 — art. definido; zangadas; boa; 12 — come; rezam; 13 — acção; sorris; preceito.

## As nossas terras...

(Conclusão da 1.ª página)

pulação. Próximos das casas estendem-se os campos dourados pelo trigo ondulante ao sabor da fresca brisa.

Por todos os lados da estrada deparamos com viçosos campos, macios relvados verdejantes, em cujas paredes florescem lindas hortênsias, dando-nos a ilusão de que as pastagens estão divididas por tão belas flores.

Assim percorremos vários quilómetros quase sem nos apercebermos, consequência das recíprocas saudações dos habitantes que vão à sua vida quotidiana.

Ao fim da estrada, ainda incompleta, começa-se a subida de relvados que se desenrolam em relevo e por fim encontramos sobre o «Monte Gordo».

Invade-nos a sensação de algo mágico, em presença de tão espontânea e estonteante beleza. Sob o límpido céu espria-se a

lagoa, cujas águas cristalinas apresentam o suave tom, misto de azul celeste e esmeralda. Na água da lagoa, limitada pela matizada rocha circular, elevam-se relvados em número de nove, de maneira semelhante à disposição das ilhas no Atlântico. Com razão afirmam os habitantes, orgulhosos, que ela representa as ilhas dos Açores. Aliás dá essa impressão, confirmada, pelo isolamento da «minúscula ilha» na água. Embriagados por tão sedutor conjunto, descemos. Lá em baixo reina o silêncio, quebrado apenas pelas vozes dos animais, duplicadas pelo eco produzido de encontro à rocha que se ergue imponente. Contemplamos, ainda extasiados, a abeirar-se da água que lhes mata a sede, rebanhos de carneiros e cabras, bois e porcos.

A proximidade da água, onde se refractam os raios do ardente sol e se reflectem

## CINCO LETRAS... ...NOVE PALAVRAS

**ORACT** ↗

todas as imagens, atraí-nos para nela flutuarmos num barquinho.

Mais além distinguem-se as paredes em ruínas de um antigo e único moinho movido pela água da lagoa, onde abundam também peixes. Após esta descrição, que pensais vós, jovens liceais, da pequena ilha do Corvo?

Espero que não continueis apenas a compará-la com o Monte da Guia.

Leonor (4.º Ano)

Formar nove palavras diferentes, com estas cinco letras, empregando em algumas a cedilha.

### Definições da Mulher

**Geométrica:** -

A mulher é um polígono irregular de um sem número de faces.

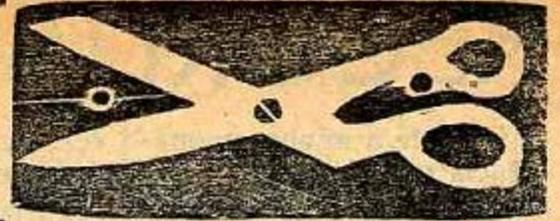
**Algébrica:** -

A mulher é um X indispensável: a incógnita de equação divina.

**Química:** -

A mulher é um «corpo simples» que ferve a temperatura baixa.

# São assim os Estudantes...



## Dois dedos de... má língua

Desde as últimas férias ele anda tão triste e tão desesperado — tão desesperado que, não podendo mais, passou a usar uma *volumosa pasta*.

\* \* \*

E ele, assustadamente, esquecendo o Colégio e tudo, vociferou:

— Mas eu gosto da sr.<sup>a</sup> professora!...

\* \* \*

Qual é o melhor jogador de futebol-salão do 7.º ano? (Não é esse, é outro.)

## Não pega...

Chegou à aula com o braço esquerdo ao peito e perante a curiosidade dos circunstantes referiu-se a um acidente, não sabemos já como, passado numa aula de Educação Física...

Mas essa *não pega!* Parece-nos antes que sob aquela desculpa, ela trazia a mão ao peito para amortecer as impiedosas *palpitações extra* do órgão vital...

## BAGAGEIROS precisam-se

Em virtude de não estar ainda preenchido o novo «quadro» organizado no Liceu Nacional da Horta, estão abertas as inscrições.

Para o contrato, os estudantes interessados deverão trazer o característico boné preto (ruço ou xadrez) e, se possível, uma etiqueta nas costas que verse «bagagem de porão» a fim de se proceder, na melhor ordem, à diferenciação e trabalhos respectivos.

## CINE - ACADÉMICO

A Empresa Naia & Rocha, Lda.

tem a honra de apresentar brevemente a super-pelicula em «loiroscope» e três dimensões:

### *Amor sem renúncia*

Um filme com diálogos espectaculares!

Uma produção única na história do cinema!

A história dum solitário pintor que não conhecia o amor e de uma jovem da nova-vaga...

## Noticiário

Causou grande espanto o facto do último «Arauto» não noticiar o repentino *engate* registado no 7.º ano.

A explicação é simples: só soubemos à última hora e não foi possível publicar a «nova». Aliás... eles que tivessem arranjado isso mais cedo!

Pensando bem foi melhor nessa altura porque se tivesse sido antes, em vez de óculos, bigode e violão, ele ainda usava bibe, chucha e biberon...

## Nos intervalos...

— Aquele tipo!... é um cabulão de marca...

— E onde é que ele esconde as cábulas?...

— É na... penca.

— O acusado — Isso era dantes...

\* \* \*  
— E tu comes todos os dias?

— Pois como...

— Eu cá só como uma vez por semana...

Folhetim do ARAUTO - N.º 0,07

## O MARQUÊS DAS CANECAS

por ZÉ PARA FUSO

I

### Prólogo e Epílogo

Enquanto não chega o esperado Conde, a sr.<sup>a</sup> Marquesa decide organizar uma tarde desportiva, com bailes de rodas, etc...

Iniciada a festa, e logo antes da primeira valsa, surge o criado no limiar da porta anunciando a chegada de Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Conde Das Taxas. Num generoso acto de confraternização, o Marquês autoriza uma audiência para daí a meia hora e depois de uma prolongada conversa com sua ex.<sup>ma</sup>

esposa, a sr.<sup>a</sup> Marquesa, manda chamar outro criado:

— Jeremias prepara os arreios que a sr.<sup>a</sup> Marquesa quer sair...

Estando o jornalista, os fotógrafos, o juiz, e demais pessoas a tomar os seus respectivos lugares e a comentar as últimas novidades pelintricas, o Conde, num acto de elevado valor de imbecilidade e descortesia, irrompe pesadamente na sala provocando o derrocamento de uma série de valiosas antigualhas (uns aparelhómetros bélicos do tempo da pedra lascada). Este tremendo acontecimento incendeia a cólera dos circunstantes e por isso o Marquês vê-se obrigado a ordenar a retirada para outra sala, a fim de facilitar as actividades dos

bombeiros. No entanto, devido à eficiência destes, o nível da água começa a subir e os convidados são obrigados a tomar o elevador para o segundo andar.

II

### Prefácio e Post-facio

Mal haviam os circunstantes tido tempo de se refazerem da fumarada provocada pela água em ebulição que a cozinheira fervia para o chá, e logo se ouviu no 2.º andar o alarido soprano do Conde Das Taxas um contraste com os gritos do Marquês das Canecas.

Todos descem as escadas rolantes de cócoras. Rugem os contendores:

—IAAUUU!...

—IHAAA!...

(Cena de pugilato.)

E os dois ilustres senhores esperneiam e rolam pelo chão abaixo esquecendo por completo títulos e honrarias.

Em breve na acérrima luta se envolvem os mais qualificados personagens que momentos antes, jogando o xadrez, seguiam curiosa e desinteressadamente o desenrolar do novelo, digo debate.

Apenas, estáticos e inamovíveis, os criados continuam imponentes, aliás impotentes, no seu destacável (da luta) posto de transmitir ordens.

Enquanto isto, com as mãos atrás das costas, o jornalista, nervosamente, passeando pela sala, lê de novo pela primeira vez a sucinta notícia.

(Continua)